

ENTREVISTA COM EX-EDITORAS DA SIG REVISTA DE PSICANÁLISE¹

INTERVIEW WITH FORMER EDITORS OF SIG REVISTA DE PSICANÁLISE

NESTA EDIÇÃO 20, CHEGAMOS AOS DEZ ANOS DA SIG REVISTA E PENSAMOS EM COMEMORAR EM UMA ENTREVISTA QUE NOS CONTE A SUA HISTÓRIA. MESMO NÃO SENDO UMA EDIÇÃO TEMÁTICA, ACREDITAMOS QUE O TEMA DA TRANSMISSÃO EM PSICANÁLISE É RELEVANTE E APROPRIADO PARA MARCAR ESSA DATA E O SIGNIFICADO DE COMEMORAR DEZ ANOS TRANSMITINDO A PSICANÁLISE ATRAVÉS DE UMA REVISTA CIENTÍFICA. NINGUÉM MELHOR DO QUE AS EDITORAS QUE FIZERAM PARTE DESSA TRAJETÓRIA PARA HISTORICIZAR ESSE PERCURSO, MOSTRANDO OS MOVIMENTOS DA REVISTA, OS DESAFIOS, AS COMPLEXIDADES DESSE TIPO DE TRANSMISSÃO DA PSICANÁLISE EM UM PERIÓDICO. NOSSAS CONVIDADAS SÃO SISSI VIGIL CASTIEL (S), EUREMA GALLO DE MORAES (E), DÉBORA FARINATI (D), CLARICE MOREIRA DA SILVA (C) E LÍZIA DA LUZ REFOSCO (L).

SIG REVISTA (SR) – BOM DIA A TODAS, MUITO OBRIGADA PELA PRESENÇA, AINDA SOB O EFEITO DO LANÇAMENTO DA EDIÇÃO 19 NO DIA DE ONTEM. VAMOS INICIAR NOSSA ENTREVISTA COM A PRIMEIRA EDITORA. SISSI, COMO SURTIU A IDEIA DE PRODUZIR UMA REVISTA CIENTÍFICA NA SIG, QUAIS FORAM OS PRINCIPAIS DESAFIOS E COMO FOI COLOCÁ-LA EM PRÁTICA?

S – Primeiro, muito obrigada pelo convite, e segundo, quero dizer o quanto gostei da ideia de uma entrevista para marcar esse momento. A ideia da criação da *SIG Revista* é muito antiga, ela remonta a 1998. O NEP² tinha tido a revista *Projeto*, então, quando a Eurema Gallo de Moraes foi presidente e eu fui diretora administrativa, pensávamos em fazer uma revista. Mas antes a gente começou com um jornal, o *Jornal da SIG*. Acreditávamos que o jornal seria algo mais dinâmico e que poderia trazer informações de forma mais instantânea. E as diretorias que se sucederam também mantiveram a ideia de que um dia a gente faria uma revista. Em 2012, o Almerindo Boff era presidente, e a Bárbara Conte, diretora científica. Eles entenderam que aquele era o momento de fazer a revista e me convidaram para fazer a primeira. Eu não tinha nenhuma proximidade com isso, com ser editora, eu era doutora, e eu era parecerista de algumas revistas, era o meu maior contato com esse meio. Aí a gente teve algumas reuniões entre a diretoria da ocasião e eu, para entender coisas administrativas, qual era a autonomia da revista, como ela ia ser financeiramente colocada e a quem ela respondia. E eu acho que na época a revista respondia diretamente à diretoria científica. Aí, então, acordou-se que eu faria uma comissão, e que a gente contrataria para fazer questões administrativas a Débora Dutra, que já trabalhava na SIG e entendia também de design. Para minha comissão, eu chamei a Luciana Rocha, a Elenara Faviero e a Eurema Gallo de Moraes, e a gente entendeu que precisaria contratar uma estagiária. Começamos a nos reunir e o trabalho era muito difícil porque tinha que começar do zero. E eu não sei dizer como a gente conseguiu, talvez a gente tenha levado todo o primeiro ano, todo o 2012 para montar a primeira revista, ou talvez a gente tenha levado 2011 para montar, e

¹ Psicanalistas, membros da Sigmund Freud Associação Psicanalítica.

E-mails:

sissi.castiel@gmail.com;
euremagallo@gmail.com;
debfarinati@yahoo.com.br;
claricems@gmail.com;
lisiarefosco@gmail.com

em 2012 saiu a primeira edição, deve ser isso. Foi muito trabalho, mas eu me lembro de reuniões muito lindas. A Débora Dutra fez uma primeira sugestão de capa, que a gente não gostou, era muito “OK”, dizia: “Sigmund Freud Revista” e tal. E o nome da revista, a gente também decidiu, e eu vejo que nessa atual editoria é muito valorizado dizer o nome *SIG Revista*. A gente gostava de se referir à revista como *SIG Revista*. Não *SIG Revista de Psicanálise*, ou *Revista da SIG*. Aí a Débora Dutra trouxe outra sugestão de capa, que todos conhecem, a atual, e a gente entendeu que aquelas ondas davam uma ideia de continuidade, de longevidade, a gente amou as ondas.

SR – E AS ONDAS REPRESENTAM UM DIVÃ TAMBÉM?

E – Não, ela tirou um pedaço de uma obra de arte.

SR – SIM, MAS SIMBOLICAMENTE PARA QUEM PEGA, REVISTA DE PSICANÁLISE, O FORMATO DÁ UMA IDEIA DE DIVÃ...

S – Pode ser, aí é ao gosto do freguês. Nós queríamos dar ideia de ondas, porque a gente queria dar ideia de continuidade. Enviamos então vários convites para as pessoas fazerem parte da primeira edição, montamos as seções da revista pensando e olhando dezenas de revistas científicas para ter ideias. A gente queria uma seção que falasse de diálogo, que é o “Em Pauta”, queríamos uma entrevista e que sempre tivesse a seção “Convidado”. Não era uma ideia clara para nós se queríamos indexar no futuro ou não, ora a diretoria pensava que sim, ora a diretoria pensava que não. Ora a comissão da revista pensava que sim, ora pensava que não. A ideia era que a gente pudesse resgatar uma publicação que fosse eminentemente psicanalítica e que trouxesse o pensamento profundo de psicanalistas. E que a gente pudesse ter na revista perspectivas de diferentes psicanalistas da SIG e de fora. Então, a ideia proposta não era que fosse uma revista para que os membros da SIG ali colocassem os seus trabalhos semestrais ou anuais. Não era isso, era uma revista de psicanálise, para a qual os membros da SIG pudessem mandar artigos e que iriam receber o mesmo tratamento de todas as outras pessoas que submetessem. Falar e publicar psicanálise e poder dar voz a um pensamento psicanalítico interessante, essa era a ideia da revista. Então, não era nossa proposta, naquele momento, que a *SIG Revista* desse voz a artigos que fossem metodológica e academicamente perfeitos, porque não era o nosso objetivo. A ideia era publicar psicanálise, na nossa vã opinião, de qualidade. E aí a gente foi, então, fazendo isso, com as seções montadas. Tinha uma seção, sempre, de resenhas, os artigos, o “Em Pauta”, e a “Entrevista”. E assim montamos a revista. Eu só não me lembro de quantas edições a gente fez, se foi uma, se foram duas, três ou quatro, mas acho que não mais que duas.

SR – OBRIGADA, SISSI, MUITO BONITO E IMPORTANTE OUVIR AS HISTÓRIAS DOS INÍCIOS. VAMOS SEGUIR COM A SEGUNDA EDITORA, A EUREMA.

E – Então, quando vocês estavam falando e eu acompanhando a Sissi, me remeteu à forma que a gente tem na psicanálise como teoria, que tem determinados pontos do alicerce que são problematizados, são trabalhados, mas que não se modificam. Ninguém ousa, como psicanalista, questionar o inconsciente, a sexualidade, a pulsão... Então, isso que alicerça vai sempre sendo renovado, investido, problematizado. A mesma coisa tem na *SIG Revista*, nos alicerces era a manutenção daquilo que tem movimentado esta instituição: a construção de liberdade e de autonomia, sempre renovada. Então, assim, para nada de nos-

ENTREVISTA

talgia, mas eu não abro mão de vestígios, vestígios são experiências da história, e isso me encanta. E uma revista, uma produção em psicanálise precisa manter o vigor da autonomia e da liberdade da psicanálise, porque a produção sempre vai fazer pensar. No meu grupo de trabalho estavam a Cláudia Perrone, a Lizana Dallazen e a Carolina Falcão. Como a Sissi disse, a nossa questão não era uma produção em psicanálise visando à academia, mas visando à comunidade psi. E cada grupo tem um movimento para ser feito, que surpreende porque a gente não sabe, e não tem que saber, não precisa, mas é exatamente esse trabalho em grupo e essas experiências que acabam colaborando e construindo, porque as pessoas vêm de lugares diferentes. Por isso eu acho que tem uma marca no alicerce que realmente é a nossa matéria-prima, a liberdade e a autonomia como um exercício na nossa experiência de transmissão. Então, assim, eu tenho um encanto, acho que eu aprendi muito mais do que pude dar, porque realmente eu não sabia nada, hoje eu sou uma pessoa capaz de dizer algumas coisas sobre uma revista, mas naquela época eu só aprendi e tive excelentes companheiras nesse trajeto. Por enquanto é isso e qualquer coisa a gente vai pensando mais.

SR – MUITO LINDO TEU RELATO, EUREMA, MUITO OBRIGADA! DÉBORA, VAMOS SEGUIR, ENTÃO.

D – Bom, a consigna deste convite tem a ver com a transmissão, e escutando a Sissi e a Eurema, eu me dei conta de que tem algo na SIG que vai além da transmissão da psicanálise como teoria, prática, método, tem algo que se transmite na SIG que é da ordem do entusiasmo que começou já na nossa formação. Quando escutei a Sissi, hoje, falar do jornal, e naquela época eu era da comissão, ali já tinha algo, não só de ser picada por esse entusiasmo pela instituição e pela psicanálise, mas que tem a ver também, aí sim, quem sabe, com todo o caminho de participar de uma primeira publicação e aprender como se faz. E de passo a passo, de alguma maneira, participando de outras instâncias dentro da SIG, até chegar o dia que, não diferente da Sissi e da Eurema, vem o convite, pela Eurema, de que eu pudesse, então, assumir como editora da revista. Eu não tinha a menor ideia de como se fazia isso. Eu não tinha participado de comissões de revista. Eu tinha um mestrado, foi a minha passagem pela academia, que, de alguma maneira, nos estrutura, para entender um pouco da dinâmica dos artigos, da constituição de um periódico. Mas o desafio para mim era, além disso, de aprender como se faz uma revista, ter muita clareza do que a instituição esperava da *SIG Revista*. Tem a singularidade daquilo que nós gostaríamos de veicular e marcar através dela. E foi um tempo em que ainda se estava discutindo muito a questão da indexação ou não. Eu confesso que era uma pessoa muito preocupada que isso nos amarrasse, que isso nos fizesse ser uma revista acadêmica, e não de psicanálise. E eu por muito tempo resisti à ideia de indexação. O que me convenceu a começar a poder trabalhar para que isso fosse possível foi o alcance. Esse foi o argumento de muitas de vocês aqui, das nossas discussões, da SIG, que essa revista teria que, pela sua qualidade, pelo seu vigor, pela sua potência, ser mais acessada. E o caminho para este acesso seria buscar a indexação. Claro que com isso, então, a revista teria que ter toda uma estrutura absolutamente mais rigorosa em relação à periodicidade e à forma de seleção de artigos. Então, já se tinha todo um cuidado a partir da questão da avaliação em duplo cego para que a gente não fosse uma revista apenas de convidados. Mas como era uma revista de muita qualidade, mas ainda de pouca inserção, chegavam poucos artigos. Então, nós tínhamos dificuldades de fechar os números para a revista, era um trabalho que demandava que a gente pudesse, muitas vezes, ainda seguir fazendo convites para que os números saíssem. E isso

foi, claro, pensando na indexação e na necessidade de que saíssem publicações de pelo menos dois números por ano e que elas estivessem em dia a cada ano. Então, foi um trabalho que, na verdade, se começou, mas que lá adiante com a Clarice (depois a Clarice vai contar) é que se começa a botar em dia a possibilidade da periodicidade, que era algo que ainda nós não conseguíamos fazer com a estrutura que tínhamos naquele momento e alcance. Nunca se faz nada sozinho, e isso é outro entusiasmo que a SIG nos passa, que é trabalhar juntos, que é crescer juntos. E naquele tempo em que eu fui editora da revista, quem estava na minha comissão era a Eneida Braga, junto com a Cláudia Perrone. Tudo tem um ritmo e um tempo e a gente precisa também poder ir respeitando esses movimentos que são de cada tempo, de cada grupo, e foi uma experiência, para mim, ímpar. É uma daquelas experiências sem as quais a gente não cresce na vida e a gente não se enriquece, e a gente não cumpre, na verdade, aquilo que é do nosso compromisso com a psicanálise, mas do nosso compromisso com a SIG, de manter vivo o nosso entusiasmo, e acho que é isso o que se tem tentado ano a ano, nos diferentes espaços, e é uma alegria poder ver a revista publicando cada vez mais, cada vez com mais qualidade. Acho que isso foi uma coisa que nunca se perdeu, a qualidade da *SIG Revista*. É uma revista de psicanálise que não perde para nenhuma revista de boa qualidade, daquelas que a gente admira. Então, quando se tem eventos como o de ontem, Eneida, a gente vai vendo que são dez anos que a gente só cresceu. Então, sou muito grata à SIG pelas oportunidades que ela sempre me dá de crescer. Era isso.

SR – OBRIGADA, DÉBORA. MUITO BOM TE ESCUTAR. VAMOS SEGUIR COM A CLARICE.

C – O convite que me chegou para ser editora mostra também mais uma marca da SIG, que é justamente isso que a Débora estava falando, o espaço para crescer. A confiança depositada em mim, que sou uma psicanalista formada na SIG, na terceira ou quarta geração, mostra o quanto, além de sermos muito entusiasmados, temos essa marca e essa identidade, temos o espaço para crescer. Então quando chegou o convite, além de me sentir muito honrada, eu fui ver a dimensão dessa dificuldade falada por todas vocês. Era bastante trabalho, e o peso da responsabilidade de ter tanta gente que eu admiro, que iniciou a revista, que seguiu, então, era uma alegria, mas também era um susto, “bah, tudo isso!”. E a Débora Farinati falou das passagens, e vocês estão falando dos movimentos, o que significa a capa, ainda que cada um projete algo na capa, a SR enxerga um divã, mas tem as ondas. É um pedaço, bem como a Eureka lembrou, da obra acho que do Matisse, que a Débora Dutra utilizou. É muito interessante o que provoca em cada um. Mas como editora e com esse legado de todas vocês, anterior a mim, era um espaço de honra e muito trabalho. E foi na minha gestão que, então, se conseguiu discutir ainda mais e se aprovar em assembleia, imagino, depois de discutida no conselho, a indexação. Eu também pensava que a indexação poderia ter esse risco de engessar, e, ainda, como seria fazer esse processo, com o objetivo da revista ter mais alcance? A gente tinha uma publicação de alta qualidade, com ótimos autores e grandes contribuições, sabíamos que a revista mereceria ser mais conhecida, e que isso facilitaria, justamente, o recebimento de mais artigos. Então, foi a partir de 2016 que assumi, já estava sendo produzida na gestão da Débora Farinati a revista número 8, com um tema lindo, que era o amor. E aí a gente tinha aquela decisão: vamos continuar com esse tema ou vamos começar do zero? E dar continuidade a um projeto já pensado também mostra a marca do que é uma produção coletiva. A SIG e a *SIG Revista* reforçam que a gente não faz nada sozinho, é de uma gestão para outra. Já tinha artigos, já tinha produções, tanto na minha entrada quanto na minha

ENTREVISTA

saída a gente teve isso, de eu continuar o trabalho que a Débora Farinati vinha fazendo e na minha saída também. A Lísia, que foi a outra editora, seguiu com a edição número 12, que também já estava bem encaminhada. E assim foi o cuidado, o carinho com toda a gestão, entendendo que era uma continuidade, por mais que eu estivesse ali responsável por aquilo. Eu tô cuidando de algo que não é meu, é nosso, é da instituição. Tínhamos o compromisso de indexar, mas sabíamos que na nossa gestão iria ser muito difícil, porque a revista tinha que estar “em dia”, manter a periodicidade semestral regular. Então, foram cinco edições produzidas ao longo daqueles dois anos, naquela gestão. Claro que a número 8 já estava bem encaminhada pela Débora Farinati. E fizemos até a número 12. Então foi bastante trabalho. A marca que a Eurema, Sissi, e tu, Débora, falaram, sobre a importância de uma comissão, responsável pelo cuidado e pela gestão da revista, que tenha participado de comissão ou que tenha essa experiência acadêmica, ainda que não seja uma revista acadêmica, é muito importante. Comigo trabalharam a Cristina Gudolle Herbstrith, a Lísia da Luz Refosco, o Felipe Gerchman e a Cláudia Perrone. E assim foi, fomos produzindo. Outra marca que vocês falaram, e que eu também senti, foi muito aprendizado, além da responsabilidade, da seriedade, do amor investido em cada revista. Quando, então, na gestão seguinte, eu iniciei como diretora de comunicação, pensamos em convidar a Lísia da Luz Refosco, que anteriormente estava na comissão, pela questão da experiência, para ser a nova editora e poder seguir com esse legado. É muito bom ouvir de vocês, tão experientes, pessoas que admiro, dizerem: “eu não sabia nada, eu fui ser editora, eu fui aprendendo fazendo”. O caminho, a roda já estava andando, vocês tiveram o trabalho de pensar e construir, o meu trabalho era de manter esse legado, com a responsabilidade e o cuidado teórico para manter a qualidade. Então, foi muito trabalho e tempo investidos, mas foi muito prazeroso, e os lançamentos da revista eram sempre muito especiais. E isso que a Sissi também falou, que é uma marca que todas mantiveram, e eu, quando fui editora, a gente insistia muito, nós da comissão corrigíamos às vezes os sócios, não é *Revista da SIG*, é *SIG Revista*. É revista da instituição, tem a marca do nome, mas é para o mundo, é da psicanálise. E isso é muito bonito, essa marca nos une. Mas é isso, foi muito trabalho, mas foi muito bom.

SR – IMPORTANTE TEU RELATO. MUITO OBRIGADA, CLARICE!

D – Sobre isso que a Clarice trouxe de revistas que ficaram e que seguiram, quando a Eurema foi editora, e me convidou depois para sucedê-la, também já tinha um número encaminhado. Então, eu acho que isso é a continuidade, de se trabalhar e deixar a revista andando, porque a gente trabalha para a revista. Acho que sempre, assim como tu recebeste essa encaminhada e foi tão legal poder continuar, e a Lísia recebeu de ti, eu já tinha recebido da Eurema. Então, eu acho que isso é uma marca da própria revista, de que a gente sabe da condição de passagem enquanto editora. A *SIG Revista* anda independentemente da gente, ela vai se construindo com as chegadas e as partidas.

SR – ENTÃO, LÍZIA, CONTA TUA EXPERIÊNCIA.

L – Pessoalmente foi uma experiência incrível, em termos de continuação de formação desse ofício de psicanalista que é interminável. E para mim, foi num momento que me gerou muita alegria, muita sensação de reconhecimento, mas também de muita apreensão: “vou conseguir dar conta do recado ou não?” Porque afinal de contas, muito jovem, ao redor dos trinta anos, tinha terminado há pouco a minha formação. E aí ficava pensando e olhando para a história

da *SIG Revista*, vendo a Eurema, a Sissi, Débora, Clarice, pessoas que sempre admirei... Aceitei o desafio. Achei muito bom em termos da possibilidade de estar inserida no que tem de mais novo sendo produzido em psicanálise. Então poder conhecer pessoas, fazer amizades, acho que foi muito importante, muito interessante para mim. Em relação a questões institucionais também, poder viver a instituição, e vê-la de um outro lugar. Quanto ao trabalho em equipe, as experiências são muito conectadas, mas a Clarice já comentou, e todas falaram um pouco, a questão da comissão é essencial. Como eu já estava na comissão executiva da Clarice, eu já estava bastante envolvida com a produção da revista. Claro que algumas coisas, eu, como pertencendo à comissão, não executava, pois algumas coisas quem executava era apenas a editora. E também, na nossa gestão, continuamos com algumas pessoas da comissão executiva anterior, a Cristina Gudolle Herbstrith e o Felipe Gerchman. Isso foi para mim imprescindível, fundamental. A gente já tinha um alinhamento, uma amizade, o que foi interessante para o desenvolvimento do trabalho. Depois, a Emylle Savi, a Nathalia Hammerschmitt e o Gabriel Teitelbaum entraram a partir do nosso convite. E acho que o tema da continuidade, e agora pensando essa coisa das ondas, do movimento, faz todo o sentido da capa da *SIG Revista*. Porque cada uma tá podendo testemunhar aqui do seu percurso enquanto editora e cada uma teve uma particularidade. Então, depois de um certo momento, nós começamos efetivamente a nos preocupar com a questão da indexação e com o tema da periodicidade. Então, quando assumimos, como a Clarice comentou, a edição 12 já estava bastante encaminhada, que era uma edição muito bonita, alusiva à jornada da SIG “Indiferenças”, uma jornada lindíssima. Seguimos e publicamos cinco edições, e foi uma satisfação poder terminar a gestão entregando o ano de 2020 “em dia”. E acho que também tem uma outra questão que foi colocada e que eu queria reforçar, que é o tema da autonomia junto com a transmissão. Claro, a gente também sempre pontuava a *SIG Revista de Psicanálise* com essa ideia de uma revista que, obviamente, por estar vinculada e dentro de uma instituição, terá marcas, registros do campo psicanalítico daquela instituição e da história daquele lugar. Mas, além disso, cada editoria também terá o seu estilo, a sua forma de conduzir as coisas, seu pensamento. Isso é importante poder destacar, sem esquecer desses registros e de uma política editorial, e, principalmente, desse tema da transmissão independente e com rigor teórico. E aí eu pego essas duas palavras (autonomia e transmissão), tava olhando agora de manhã a entrevista na edição 19 com o Luis Cláudio Figueiredo, em que ele fala exatamente da transmissão da psicanálise, é na parte da formação que ele fala isso. E acho que eu pego para poder falar da transmissão da *SIG Revista*, da questão do pensamento independente e com esse rigor, rigor dentro do possível, ele vai dizer. Porque é um campo completamente cheio de incógnitas. Então, eu acho que é disso que se trata a psicanálise, é um campo que não é unívoco, então, é plural e tem que estar aberto à alteridade, e eu acho que a *SIG Revista* conseguiu fazer isso. Desde o início até agora isso se mantém. Então, para mim foi uma alegria participar desse tempo que também teve todo um desafio em relação à pandemia, com a necessidade de fazermos todas as reuniões e alguns lançamentos on-line. Foi um desafio bem grande. Acho que é isso.

SR – MUITO OBRIGADA PELO TEU RELATO, LÍSIA. EU QUERIA DIZER A TODAS COMO FOI BONITO ESCUTÁ-LAS, COMO VAI FICAR LINDA ESSA ENTREVISTA. FOI NA COMISSÃO EXECUTIVA QUE SURTIU ESSA IDEIA DE MOSTRAR ESSA LINHA DO TEMPO E OS MOVIMENTOS, A CONSOLIDAÇÃO E O CONSTANTE CRESCIMENTO DA REVISTA. É MUITO BONITO

ENTREVISTA

VER COMO AS COISAS SE CONSTROEM. A GENTE VAI APRENDENDO, SOMANDO, UNINDO ESFORÇOS, UMA COISA NÃO ACONTECERIA SE NÃO TIVESSE A ANTERIOR. E TUDO SE FAZ POSSÍVEL A PARTIR DOS ALICERCES QUE VOCÊS DEIXARAM ANTERIORMENTE.

S – Uma das coisas que mais me ficou, olhando a trajetória da revista, é isso de que todas as editoras e todas as comissões têm o objetivo de fazer a revista acontecer. É um trabalho de continuidade que uma editora começa, a outra segue adiante, continua, e é muito integrado. É um modelo que acontece de uma forma muito tranquila. É muito bonito isso dentro da SIG, o caminho da revista.

C – E tem uma coisa que a gente não pode esquecer também, que é o grupo de leitura que foi criado para ler artigos da *SIG Revista*. Esse também era um reconhecimento duplo para os autores que eram convidados para discutir, porque o grupo lia o texto escolhido da revista e convidava o autor daquele texto para conversar sobre. Acho importante marcar esse novo espaço, bonito, criativo, de uma consistência, que mostra a seriedade da instituição, o compromisso com o rigor teórico, e com a transmissão da psicanálise.

SR – E AGORA TAMBÉM TEMOS A CONTINUIDADE E O CRESCIMENTO ATRAVÉS DO TRABALHO DA INDEXAÇÃO, QUE FAZ PARTE DO PRÓXIMO PASSO QUE ESTAMOS DANDO. UM PASSO QUE TRATA DO CRESCIMENTO DA *SIG REVISTA*, QUE A LEVA PARA MAIS LONGE. E LEVA A PRÓPRIA SIG TAMBÉM.

D – É tão bonito isso que tu diz de levar a SIG, porque eu acho que isso é outra marca, quando eu estava me deliciando com a revista nova, vendo ali os temas, e o quanto tem uma integração. A SIG promove alguma atividade e a revista já contata pessoas, faz uma entrevista, articula um “Em Pauta” a partir de uma atividade que foi realizada. Então, a *SIG Revista* tem sua autonomia, sua liberdade, mas ela é claramente uma revista que mostra também a marca da instituição.

SR – GOSTARIA DE AGRADECER MUITO A TODAS POR ESSES RELATOS PRECIOSOS DAS TRAJETÓRIAS DE VOCÊS COMO EDITORAS, OS DESAFIOS, MARCAS, MOVIMENTOS QUE FIZERAM PARTE DA HISTÓRIA DOS DEZ ANOS DA *SIG REVISTA*. COMO NA NOSSA IMAGEM DE CAPA, QUE REPRESENTA ONDAS, CONTINUIDADE, ESSA ENTREVISTA EVIDENCIOU O QUANTO ESSES MOVIMENTOS TÊM NOS IMPULSIONADO E FORTALECIDO. MUITO OBRIGADA PELA PRESENÇA, PELA DISPONIBILIDADE E CONTRIBUIÇÃO COM A *SIG REVISTA*.

NOTA

2. Núcleo de Estudos Psicanalíticos, primeiro nome da Sigmund Freud Associação Psicanalítica.